



Jornalismo Comparado: Análise da Cobertura do Caso Angelina Jolie nas Revistas *Época e Veja*¹

Andressa Aparecida SANTOS²
Gustavo Portella MALUF³
Pollyana Souza de FREITAS⁴
Stella Marjory DUTRA⁵
Cíntia Cerqueira CUNHA⁶
Universidade de Uberaba, Uberaba, MG

RESUMO

A proposta deste artigo é propor uma análise da cobertura jornalística feita pelas revistas *Época* e *Veja* do caso Angelina Jolie. Verificar se ambas as revistas atenderam ao principal objetivo do jornalismo, que é o de contribuir para a construção da narrativa social ou se angularam o conteúdo conforme seus interesses em detrimento do interesse público. Para esta empreitada, pretende-se debater questões, utilizando-se dos princípios do Jornalismo Comparado e o aporte das teorias do *Newsmaking* e do Agendamento. Partindo do princípio de que os meios de comunicação promovem a deflagração do contexto social, vamos comparar cada um dos recursos utilizados na construção das matérias para entender os critérios utilizados.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Comparado; Valores-Notícia; *Época*; *Veja*; Caso Angelina Jolie.

INTRODUÇÃO

O termo *jornalismo comparado* é bastante popular no meio acadêmico, porém, é uma prática ainda pouco difundida no Brasil. Define-se como sendo um estudo onde um ou mais veículos são confrontados com o objetivo de se levantar as razões pelas quais um mesmo fato pode ser noticiado de formas diferentes, até mesmo antagônicas.

Este tipo de análise é importante porque propicia a oportunidade de identificar modelos de jornalismo praticados no Brasil e no mundo e, assim, melhor diagnosticar as

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Estudante do 7º período de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade de Uberaba – Uniube, Uberaba – MG, e-mail: andressa_pp@hotmail.com

³ Estudante do 7º período de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade de Uberaba – Uniube, Uberaba – MG, e-mail: gumaluf@gmail.com

⁴ Estudante do 7º período de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade de Uberaba – Uniube, Uberaba – MG, e-mail: pollyanasfreitas@hotmail.com

⁵ Estudante do 7º período de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade de Uberaba – Uniube, Uberaba – MG, e-mail: stellamarjoryy@hotmail.com

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba – Uniube, e-mail: cintia.cunha@uniube.br



várias abordagens das notícias. Despertar o debate sob o prisma das produções nacionais também é outro ponto de extrema importância.

O autor José Marques de Melo, seguindo esta linha, desenvolveu uma pesquisa publicada no livro *Teoria do Jornalismo – Identidades Brasileiras*, de 2006, comparando as especificidades do trabalho praticado pela imprensa latino-americana, norte-americana e europeia e muito contribuiu com suas observações para o campo do jornalismo comparado.

Ele notou que enquanto a imprensa latino-americana se preocupava em noticiar esportes e espetáculos, fatos policiais e acidentes, bem-estar público e problemas sociais, informações práticas e variedades, a norte-americana e parte da Europa davam ênfase à economia, política nacional e internacional, educação, cultura e religião. Distinções que comprovam a existência de mais de um modelo de estrutura noticiosa. Este é apenas um dos vários estudos que podem contribuir para a o saber jornalístico.

Este *paper* propõe a apresentar a análise comparativa entre as revistas *Época* e *Veja* e tem como finalidade examinar os pontos coincidentes e não coincidentes na cobertura de um mesmo fato. Conferir se o estilo de jornalismo dos dois veículos é diferente e se estas especificidades influenciam na cobertura exímia dos fatos. O estudo foi desenvolvido com base nas versões impressas das revistas da mesma semana de maio de 2013 que abordavam como matéria principal a mastectomia dupla preventiva feita pela atriz norte-americana Angelina Jolie.

O principal objetivo é orientar estudantes, leitores e simpatizantes em geral quanto à avaliação crítica do conteúdo a ser consumido. Propiciar uma leitura mais ampla da forma como as notícias são construídas e a sua influência no conteúdo noticioso. Mais do que isso, afirmar que não existe uma verdade absoluta, nem tão somente uma única forma de noticiar um fato, porém, existe a ética jornalística que deve permear a construção destas narrativas, principalmente lembrando que, “no jornalismo, ética e técnica não se descolam”. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 31) E também promover a leitura e a interpretação dos fatos, com base não só no conteúdo declarado, mas também nas suas entrelinhas e aspectos implícitos.

O estudante de comunicação encontra, ao iniciar sua vida acadêmica, uma grande dificuldade de avaliar que conteúdo é idôneo ou não. Muitas vezes, os processos de produção e o perfil dos veículos não podem ser interpretados somente por suas informações explícitas, de um modo primário. Faz-se necessário um aprofundamento na apreciação para que se possa chegar a alguma conclusão.



A formação deste que é um futuro comunicador é de suma importância para a construção da história e para os rumos que o jornalismo deve tomar. E, nesse sentido, um levantamento como este que será exposto pode auxiliar na interpretação destes conceitos. O fato de existirem poucas discussões como esta também justifica a sua criação.

Este estudo tomou como base os capítulos 7 “Jornalismo Brasileiro: Impasse estrutural” e 14” Gênese do Jornalismo Comparado”, do livro *Teoria do Jornalismo – Identidades Brasileiras*, de José Marques de Melo, que faz uma comparação entre os modelos latino-americano, norte-americano e europeu de se fazer jornalismo e o livro do Felipe Pena, *Teorias do Jornalismo*, que aborda as várias conjecturas jornalísticas.

Optou-se pelas revistas *Época* e *Veja* por serem alguns dos veículos mais conhecidos pelos brasileiros, como também o fato de possuírem vários anos de mercado. A relevância dos mesmos pautou a escolha sob um consenso do grupo.

Os pontos básicos a serem observados neste levantamento são o destaque que cada uma das revistas deu à matéria, a definição do gancho, a escolha das fontes, a rede semântica utilizada, entre outros aspectos indispensáveis à comparação e compreensão das mesmas.

DIAGNÓSTICO

Observa-se que a escolha dos assuntos que serão destaque em determinado veículo é minuciosamente analisada nas redações dos jornais e acompanhada de perto pelos especialistas em avaliar os comportamentos da imprensa. O que determina a escolha por um ou outro é definido tomando como base as teorias jornalísticas. As Teorias da Organização e do Agendamento (PENA, 2005, ps. 132-145) explicam bem este fenômeno para este fato, em específico.

A Teoria da Organização trabalha com a ideia de que a notícia é como um produto à venda no mercado, ou seja, a notícia sai do âmbito individual para o da organização jornalística. Portanto, esta teoria determina que as notícias são como são porque as organizações jornalísticas assim as determinam. Logo, *Época* e *Veja* determinaram que a matéria principal, bem como todo o restante do conteúdo fosse exatamente o que foi publicado. A organização tem a autonomia de definir o que é publicável ou não. Porém, tendo em vista que a atitude dela pode contribuir para a prevenção do câncer de mama, o assunto se tornou de interesse público.



Já a Teoria do Agendamento adapta-se ainda mais, sob medida, à escolha das revistas, uma vez que defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os temas que os meios de comunicação divulgam e que eles agendam nossas conversas. Em miúdos, a mídia diz sobre o que falar, como falar e quando falar. Houve uma avalanche de veículos pelo mundo noticiando a atitude da atriz, que se não fosse pela sua notoriedade pública, passaria despercebida, como as outras várias mastectomias duplas preventivas que já foram realizadas por anônimas.

Vale lembrar também que, segundo a Teoria do Agendamento, houve clara intenção por parte das duas revistas em explorar o caso, tendo em vista sua ação no conjunto de conhecimentos sobre a realidade social, formando a cultura e agindo sobre ela. (PENA, 2005, P.145)

Sendo assim, as revistas tiveram também a intenção - cada uma com seu enfoque - de gerar o acúmulo de informação, mantendo a relevância do tema para, com isso, informar e formar a opinião do público brasileiro sobre os benefícios ou não de uma mastectomia preventiva. Tendo em vista que as revistas em análise têm circulação entre vários formadores de opinião, elas acabam por agendar a pauta de outros veículos de comunicação e, assim, manter o tema em destaque por mais tempo.

ÉPOCA

Da revista *Época*, foi analisada a edição 782, de 20 de maio de 2013. Com 114 páginas, dedicou 7% da revista à matéria de Angelina. Das páginas 78 a 86, oito no total, a matéria divide espaço com dois anúncios: um do governo de Pernambuco e outro do Planeta de Agostini, de fascículos impressos. A princípio, os anúncios foram dispostos sem muitos critérios de alinhamento com o conteúdo da mesma.

O título da capa “Foi a decisão certa?” é complementado pela seguinte chamada: “Retirar os seios mesmo sem câncer pode fazer sentido para Angelina Jolie, mas não para todas as mulheres”. Já no interior da revista o título é “A influência de Angelina”.

O que chama a atenção são três pontos: a localização da matéria, o gancho/foco de abordagem e a rede semântica utilizada. A matéria ficou na editoria “Dilemas do Corpo” e o gancho foi abordar o mau exemplo da atriz que, com sua atitude, poderia induzir ao erro de outras mulheres. Para justificar este posicionamento, iniciou a matéria fazendo um miniperfil de Angelina, com as suas passagens mais polêmicas e degradantes como suas separações e hábitos pitorescos. Esta introdução em nada agregou ao conteúdo noticioso que deveria ter



sido repassado. Para comprovar esta opção, a rede semântica utilizada induz a esta opinião sobre a atriz. Foram utilizadas palavras e expressões como: “trepidante”, “colecionadora de facas”, “gostava de se cortar”, “casamentos que não deram certo”, “gesto pretensioso”, “controvérsias”, “críticas à atitude”, “desconfiança”, “angústia”, “sofrimento”, “risco”, “desnecessário”, “contramão da tecnologia”, “insatisfação”, “generalizações”.

Esta opção da revista em utilizar vocábulos e expressões que depreciem a imagem de Angelina é lastimável. Por mais que a vida da celebridade tenha sido marcada por fatos polêmicos, o periódico não agregou informações de valor jornalístico – sobre o caso enfocado, a mastectomia dupla preventiva – fazendo esta angulação. Apesar de ter retratado o tema conforme aspectos de contemporaneidade, perde credibilidade ao fazer julgamentos nas entrelinhas da matéria. Lembrando novamente que o fato principal era a opção em se fazer um certo tipo de procedimento cirúrgico como forma de prevenção do câncer de mama.

VEJA

A revista *Veja* analisada foi a edição 2322, ano 46, nº 21 de 22 de maio de 2013. A edição contou com 142 páginas, sendo que também voltou 7% da revista para a cobertura. Foram dedicadas 10 páginas, da 90 a 100, sendo que apenas um anúncio, da Dunlop, chinelos feitos de pneus, estava presente no meio da matéria. Também não alinhado ao tema. Coincidentemente, na página 87, três antes da matéria, o mesmo anúncio do governo pernambucano da *Época* se repete na *Veja*. A título de complementação, ambas as revistas também têm na contracapa o mesmo anunciante: Banco Bradesco.

O título da capa “A escolha de Angelina” é complementado pela seguinte chamada: “A decisão de Angelina Jolie de fazer uma mastectomia preventiva foi um choque e deu o alerta de que, quanto mais cedo agir, melhor”. Já no interior da revista o título é “O valor maior de Angelina”.

Em relação à localização, a matéria ficou na editoria “Especial”, coerente com assuntos que demandam a especificidade do conteúdo. O gancho foi abordar a coragem e o heroísmo de ela ter esta atitude e expô-la como exemplo para outras mulheres. O fato de não se ater a passagens da vida pessoal da atriz, por si só, já indica que a cobertura tende a ser mais focada no assunto em pauta. Palavras como “atitude heroica”, “relato emocionante”, “beleza primal” e “luta” confirmam que a intenção da revista foi exaltar a atitude e não a vida íntima de Jolie.



No entanto, é importante ressaltar que o julgamento sempre deve ser feito pelo leitor. Estimular a prática também não é recomendável, pois para cada pessoa o prognóstico pode ser diferente.

FOTOS

Em relação às fotos, a *Época* colocou na capa uma foto da atriz com expressão meiga, mas que induz a certo arrependimento ou insegurança, como se a atriz estivesse pensando no que fez. No miolo, foram colocadas outras sete fotos, sendo quatro fazendo uma crítica clara às atitudes da atriz.

Já a revista *Veja* colocou na capa uma foto com expressão que denota coragem e a personalidade forte que é marca conhecida da atriz. A foto serve para confirmar a abordagem da revista. Das três fotos usadas no conteúdo interno, nenhuma faz crítica explícita.



ILUSTRAÇÕES

A *Época* utilizou um infográfico informando como foram os procedimentos sofridos pela atriz e utilizou alguns dados para recheiar a matéria. A *Veja* fez um infográfico abordando a mesma temática que a *Época*, outro sobre prevenções radicais, outro sobre avanços no tratamento da doença e diagnóstico precoce. Além disso, em suas páginas há dois quadros



informativos, um sobre exames e outro sobre procedimentos mais e menos mutiladores. Também apresenta um *box* contendo uma entrevista secundária, com o médico responsável pelo desenvolvimento do procedimento Quadrantectomia abrangendo a cobertura.

PERSONAGENS E FONTES

A escolha das fontes e personagens também merece irrestrita atenção. Ambas as revistas humanizaram ainda mais o tema, trazendo personagens para ilustrar a matéria. A diferença foi que na *Época*, das três personagens, uma deixou claro que não seguiria o exemplo de Angelina. Já a *Veja* trouxe uma diversidade maior de personagens, sendo que cada uma contribui com o depoimento de um tipo de procedimento, esclarecendo melhor as especificidades do assunto ao leitor: uma fez o mesmo que Angelina, a mastectomia dupla preventiva; outra tratou o câncer com radioterapia; outra, com quimioterapia; outra, com a mastectomia corretiva convencional e a última com um dos métodos mais novos, a quadrantectomia.

A *Época* recorreu a nove fontes e dados secundários de dois institutos. A citação do Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, no final da página 80, nada acrescenta em informações e, na página 82, a do cirurgião especializado em reconstruções de mama e professor do instituto de ensino e pesquisa do Hospital Sírio Libanês, em São Paulo, foi descartável, pois fala sobre o excesso de zelo do tratamento de Angelina, por ser uma artista e não contribui em nada em relação ao que poderia fornecer, sendo um especialista da área. Esta conclusão poderia ser dada por um profissional da área da psicologia ou, até mesmo, da psiquiatria. Ao especialista caberia somente falar sobre os detalhes técnicos do procedimento. As outras fontes utilizadas foram as seguintes: três oncologistas, um pesquisador, um especialista em interpretação de riscos, um mastologista e um psicólogo.

Também na página 82, a revista ironiza o fato de a médica de Angelina ter falado de drenos que ela estava usando, dando a entender que os procedimentos médicos só foram detalhados por se tratar de uma famosa. Também, na mesma página, a *Época* faz um levantamento que não tem nada a ver com o tema central abordado, o caso de patente e a valorização das ações do laboratório onde Jolie fez o teste genético.

Já a *Veja* recorreu a cinco fontes, três oncologistas e dois mastologistas e dados secundários de um livro e de duas revistas científicas, atendo-se ao conteúdo informativo. Na página 94, a *Veja* também retrata a presença dos drenos, mas não supervalorizando o fato, apenas citando.



Só há a repetição de uma fonte nas duas revistas, a oncologista Maria Isabel Achatz. Na *Época*, ela fala sobre o risco potencializado deste tipo de metodologia adotado por Angelina e, na *Veja*, que este é um recurso utilizado por muitas mulheres que têm esta propensão genética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambas as revistas ficaram aquém em um ou outro ponto desejável para a cobertura jornalística. Em relação à *Época*, um pouco mais, pois se ateu à vida particular da Angelina e abordou só o lado negativo da metodologia.

Como pontos positivos, sua abordagem privilegiou o depoimento de personagens que contribuíram para a contextualização do assunto, necessária ao entendimento do público.

Já a Revista *Veja* agiu de forma mais informativa, porém, faltou deixar claro que o método não se aplica a todos os casos. Esta informação era de suma importância ficar explícita.

Como pontos favoráveis, utilizaram-se de vários quadros e infográficos, tornando o assunto mais claro e munido de informações sobre os vários tipos de tratamento, exames, etc. Ressalta-se a presença de diferentes personagens que contribuíram com suas histórias pessoais.

No final da análise, verifica-se que ambas as revistas não falaram o mais importante: para quem é indicado este tipo de teste genético? Não foi citado, em nenhuma das duas publicações, que o teste deve ser feito, preferencialmente, em mulheres que na família possuem um histórico bem peculiar quando se trata desta doença, como: incidência de câncer de mama em mulheres jovens, presença do câncer nas duas mamas, vários casos de câncer de mama ou ovário entre os familiares ou também câncer de mama em homens.

Analisar, comparar, discutir. É só através de muita conversa e diálogo que o Jornalismo pode evoluir e ir ao encontro de sua missão. Agregar conhecimento à sociedade demanda critérios, bom senso, técnica e comprometimento. A forma como um assunto é tratado pode modificar a sua percepção por parte do público. As pessoas pensam diferente, este não é o problema. O problema é um mesmo fato chegar de formas diferentes, até mesmo, contraditórias para a sua apreciação. O julgamento mediante o conteúdo deve ser feito pelo público e não pelos veículos que têm o dever de primar pelos preceitos éticos-jornalísticos.



REFERÊNCIAS

BUSCATO, Marcela; MENDONÇA, Martha. **A influência de Angelina**. Época, Rio de Janeiro, edição 782, p. 78-86, 20 de maio de 2013.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008

CUMINALE, Natália. **O valor maior de Angelina**. Veja, São Paulo, edição 2322, ano 46, p. 90-100, 22 de maio de 2013.

MELO, José Marques. **Teoria do Jornalismo: Identidades brasileiras**. São Paulo: Ed. PAULUS, 2005.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.